

Etnografias da Memória – Do tempo da pressa à pressa do tempo

Ana Felisbela Lavado

Escola Superior de Educação de Beja

Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa – FCSH – UNL

A actividade lúdica numa comunidade em transformação

O presente texto pretende abordar algumas questões relativas à actividade lúdica da infância - não das nossas crianças ou melhor, não apenas das nossas crianças, mas também dos velhos de hoje, dos que pretendemos que sejam os nossos velhos, detentores daqueles saberes de cuja importância nos damos conta quando desaparecem da memória e pela memória. Trata-se, aqui, de compreender os processos pelos quais se faz a apropriação do lúdico; os mecanismos postos em acção na transmissão da memória; como se estabelecem intimidades entre elementos de uma comunidade; se fazem emergir e fluir elos identitários entre homens, mulheres, homens e mulheres e crianças de uma comunidade – crianças de hoje e crianças de ontem. Trata-se, no fundo, de compreender o modo como essa memória velha de séculos, mas permanentemente actualizada - ponte entre o tempo, a permanência e a mudança - vai sendo forjada no espaço em constante mutação.

As comunidades e as culturas, mesmo as tradicionais, não são estáticas. Elas integram novos elementos e traços culturais que interagem com os preexistentes, formando elementos novos, ainda que reconhecíveis com referência aos anteriores. Sempre assim foi e, tudo o indica, continuará a ser. No entanto, cada comunidade escolhe e integra os novos elementos de modo potencialmente diverso, pelo que constrói ao longo do tempo, em função do espaço que se dá e das gentes que acolhe, comportamentos e condutas específicos que a caracterizam. Perante rupturas ou mudanças aceleradas, estes aspectos podem modificar-se rapidamente em termos gerais, mantendo-se, contudo, de forma residual, no seio dos grupos ou elementos que são ainda seus portadores. A actividade lúdica não é excepção, pois os comportamentos e atitudes dos indivíduos, são fruto de vivências pelas quais passaram ao longo da vida. O modo como as crianças actuais e as do passado jogam e brincam, as canções que cantam, os gestos que fazem e as posturas corporais que assumem, traduzem essa riqueza. É por isso, que o estudo da actividade lúdica pode revelar-se tão rico para o conhecimento e compreensão das práticas sociais.

Assim, abordar-se-á o modo como acontece e se manifesta este fenómeno numa comunidade em transformação – uma localidade que foi eminentemente rural e em menos de um século se tornou uma das mais industrializadas do país. Situada na periferia de duas capitais de distrito e, simultaneamente, duas das cidades portuguesas mais importantes no que concerne a fluxos migratórios (e não só), o Lavradio, freguesia

do concelho do Barreiro é ponto de partida e de chegada de gente, mercadorias, ideias e mudança. Aninhado entre o Tejo, por onde Lisboa se alcança e a massa de terra que o liga a Setúbal, tem vivido, velho de séculos, entre as ondas, os campos e as salinas e, só (já) desde há cem anos acorda e marca o tempo pelo som das buzinas “da fábrica”.³²

Há homens e mulheres do Lavradio que são protagonistas da mudança. Viveram o tempo da ruralidade e foram crescendo, transformando-se em adultos, num tempo em que se tendia para a industrialização, interiorizando a mudança e mantendo a lembrança do que havia sido ser criança numa praia liberta de grande parte das fábricas que hoje existem, das salinas que se transformavam em campos de futebol, dos largos sem carros onde se brincava sob o olhar dos então, velhos da terra. Foram eles os meus informantes e são suas as narrativas que servem de base a muitas das reflexões que aqui se enunciam.

Procedi à recolha de histórias de vida de indivíduos com idades iguais ou superiores a setenta anos, do sexo feminino e do sexo masculino, todos eles residentes no concelho do Barreiro, freguesia do Lavradio, há mais de quarenta anos, oriundos de diversas zonas do país³³, com os mais variados percursos de vida, com diferentes habilitações académicas e diferentes profissões (*Quadro I*), muitos deles mantendo relações de parentesco, de amizade e de vizinhança entre si. Deste modo ser-me-á permitido proceder à comparação das suas narrativas de vida, cruzando-as e esclarecendo possíveis lacunas e discrepâncias eventualmente observáveis, comparando, igualmente, memórias colectivas e algumas memórias individuais relativas aos assuntos em estudo.

Quadro I – Habilitações Académicas e Profissão dos Informantes

Informante	Habilitações Académicas	Idade do início da vida activa	Profissão/ Profissões	Última Profissão
J.A.	5º ano do liceu	16 anos	Escriturário Comerciante	Comerciante (livraria, papelaria)
A. C. M.	4ª classe	12 anos	Padeiro Industrial de panificação	Industrial de panificação
A. E. S.	3ª classe	8 anos	Pastor Sardineiro Vendedor ambulante Operário ind. química Encarregado (ind. Química)	Encarregado (ind. Química)
J. B.	4ª classe	11 anos	Carpinteiro (aprendiz)	Taxista

³² Numa faixa de terreno junto ao Tejo, Alfredo da Silva instalou, a partir de 1907, importantes fábricas de produtos químicos CUF (Companhia União Fabril), cuja laboração se iniciou logo em 1908. A fábrica não parou de crescer nem de diversificar a sua actividade, chamando ao concelho do Barreiro e à freguesia do Lavradio, gente de diferentes regiões.

³³ Os informantes podem não ser naturais do Lavradio, mas devem aí residir permanente ou periodicamente desde crianças. Para além disso – no sentido de observar o modo como se processa a transmissão do lúdico aos seus descendentes – devem residir no Lavradio desde há, pelo menos quarenta anos.

			Camionista Taxista	
E. C.	4ª classe	14 anos	Operário da inds. Corticeira Futebolista Cobrador (águas) Chefe de repartição (águas)	Chefe de repartição (águas)
C. B.	7º ano de liceu	18 anos	Serralheiro Telefonista	Telefonista
J. P. A.	4ª classe	10 anos	Moço de recados Caldeireiro Caldeireiro chefe	Caldeireiro chefe
F.A.	2º ano de liceu	11 anos	Costureira (aprendiz) Bordadeira(aprendiz) Costureira Doméstica Comerciante	Comerciante (livraria, papelaria)
R. N.	5º ano de liceu	26 anos	Professora do Ensino Particular	Professora do Ensino Particular
V. R.	2ª Classe	8 anos	Ama (da sobrinha) Agricultora Operária têxtil	Operária têxtil
I. S.	1ª classe	12 anos	Agricultora Operária têxtil	Operária têxtil
B.A.	4ª classe	11 anos	Costureira (aprendiz) Costureira Doméstica	Doméstica
A. C.	4ª classe	11 anos	Costureira (aprendiz) Costureira Doméstica	Doméstica
M. S.	4ª classe		Doméstica	Doméstica
J. O.	4ª classe		Doméstica	Doméstica
C. S.	4ª classe		Doméstica	Doméstica
F. P.-A.	4ª classe	12 anos	Ama Operária da inds. corticeira	Operária da inds. corticeira
A. R.	Sem habilitações	7 anos	Pastora Assalariada agrícola Mulher a dias	Mulher a dias
A.M.	5º ano de liceu diploma de professora do ensino particular	21 anos	Professora do ensino particular	Professora do ensino particular

O processo de transmissão do lúdico, creio, garante a perpetuação dos gestos, das sonoridades e dos aspectos rituais do grupo e da comunidade envolvidos. Ao mesmo tempo, possui uma racionalidade emergente dos quadros sociais da memória – no fundo, os quadros sociais que suportam a memória do movimento de transmissão do lúdico e de produção/reprodução das aprendizagens.

Os velhos visitam os lugares da sua memória e da memória dos seus velhos, guiando o investigador numa viagem entre tempos, tão mais rica quantas mais são as lembranças

– ligação entre passados e futuros, fazendo de cada presente o nosso tempo - tempo dos novos. Ao lembrar, retornam, revivem, refazem memórias do passado, dando-lhes a vida da palavra e do gesto. Ao recordar, compreendem e compreendem-se, já grandes; ainda pequenos; já velhos. Isto é, revivem o seu processo de enculturação e são capazes de apontar as permanências e as mudanças, perpetuando-se nas memórias recriadas que legam aos jovens.

O modo de lembrar, torna-se simultaneamente um acto individual e social – emergem recordações da família e a sua estrutura, do grupo de pertença, do espaço ocupado na teia das relações sociais; a forma primordial de enculturação - os alimentos comidos, o vestuário usado, a frequente inexistência de sapatos, os odores das terras de cada um em dias de festa, a sensação da água num banho proibido, o sabor de uma "chinchada" numa terra bem guardada.

Das hipóteses ao trabalho de terreno

Para conhecer uma sociedade é necessário saber como pensam e como agem os indivíduos - o modo como se estruturam, os valores que possuem e pelos quais se regem; as posturas corporais que adoptam, permitem e sancionam e as situações em que o fazem; as suas concepções de estereótipos; os símbolos, os ritos e os mitos que as configuram, conferindo-lhes identidade e opondo-as, quantas vezes de forma complementar, ao outro. Em suma, conhecer alguém é penetrar e compreender, de facto, os mecanismos do sistema de atitudes e comportamentos manifestos, bem como o modo como eles são reproduzidos.

Penso ser possível e desejável estudar a actividade lúdica enquanto instrumento dos seus participantes, ao mesmo tempo que estes se tornam veículo da mesma actividade lúdica, detentora de "vida própria" enquanto praticada. Neste sentido, será desejável estudar não apenas as actividades lúdicas de *per si* (enquanto relacionadas com mitos e ritos, categorizadas e sistematizadas), mas também os grupos que lhes dão vida, transmitindo-as, apreendendo-as e praticando-as.

O trabalho que aqui se apresenta teve, portanto, como terreno a localidade do Lavradio ou, mais especificamente um grupo que aí habita, já que, cada vez mais, o terreno dos antropólogos são as pessoas - das constelações de relações que elas mantêm entre si, aos locais por onde durante a sua vida vão passando e que as moldam, construindo-as e às suas memórias. Parti para esta pesquisa considerando que a actividade lúdica na infância se constitui como forma de reprodução social e de aprendizagem.

Ao tentar compreender estes “mecanismos de transmissão da memória”, colocaram-se-me duas hipóteses de trabalho fundamentais. Quanto à primeira, creio poder afirmar que as actividades lúdicas têm passado, ao longo do tempo, por uma transformação fundamental, que se traduz na passagem progressiva de um quadro informal para um quadro formal das atitudes face ao lúdico.

À medida que o indivíduo se desenvolve como pessoa, os jogos e brincadeiras que organiza e pratica, vão tendo uma complexidade crescente e, com ela uma formalização cada vez mais complexa. Passa-se da simples repetição de gestos, geralmente proporcionados pela manipulação do próprio corpo, no caso da criança, para um conjunto de gestos ritmados e estereotipados que já não são produto do acaso. Desenvolvem-se, à medida que caminha para a segunda infância, um conjunto de considerações e interacções entre o indivíduo, o espaço, os outros indivíduos, o meio e ele próprio, conducentes à complexificação da regra. A regra e a capacidade de aprender, desenvolver e transmitir estes jogos, prende-se, por um lado com a existência da memória individual que permite fixar as formas e os conteúdos, compreender e aplicar, em última instância, o significado e o sentido do próprio jogo. Por outro, remete-o para uma dimensão mais vasta – a dimensão social. Aqui, é a colectividade que através de um processo idêntico de memória, fixa, memoriza, pereniza e transmite o que os homens de *per si* e a sociedade como organismo dinâmico que os integra, apreende e modifica.

Os quadros sociais da memória, não raramente, resistem quer ao desaparecimento quer ao surgimento de determinadas práticas e actividades de carácter lúdico, sancionando-as ou perenizando-as mesmo quando quem as pratica deixa de entendê-las. A consideração da sua validade torna-se memória e constitui-se como tradição o que, em última instância, lhes assegura a permanência no tempo e no espaço, até que um corte brusco nas condutas sociais e culturais as apaguem da memória dos homens e, eventualmente, quando as diferenças entre a nova e a velha sociedade se diluírem, alguém as reinvente e, já esquecido, as deturpe, continuando, não obstante, a designá-las como tradicionais. Tal não significa, no entanto, que as actividades lúdicas se tenham mantido imóveis e cristalizadas no tempo.

No que concerne à segunda hipótese de trabalho, importa salientar que a toda e qualquer actividade lúdica é intrínseco o formalismo da regra, que lhe confere a “universalidade e permanência”, sendo o que permite, desde logo, apreender a actividade lúdica e fixá-la. Quanto maior for a sua formalização e inflexibilidade, maior a facilidade com que permanecerá imutável, mas paradoxalmente, maior a facilidade com que pode deixar de fazer sentido em determinado contexto e, por isso, desaparecer. Talvez o segredo da permanência de algumas das actividades lúdicas ancestrais, seja a aliança entre a simplicidade e a imutabilidade de algumas das suas regras enquanto outras, não estruturantes para o jogo, admitem uma maior flexibilidade em função do tempo, dos contextos espaciais e da própria memória dos indivíduos, traduzida nos quadros formais e sociais desta. Não será alheio a este facto, por um lado, a existência que parece manifestar-se, de duas ordens de regras nos jogos – as principais, isto é, aquelas que a não serem respeitadas fazem com que o jogo deixe de ser aquele para se tornar noutra qualquer – e um conjunto de regras a que se poderia chamar “secundárias”, uma vez que a sua modificação torna o jogo diferente, sobretudo em termos formais, sem que por isso, deixe de ser imediatamente reconhecido na sua denominação, desenvolvimento e objectivos, por quem o pratica ou por quem o estuda.

Surgem assim, creio, as variantes do jogo. Este conceito prende-se e legitima-se no reconhecimento da memória como construção, validando a reconstituição do passado, quer em termos temporais, quer em termos de grupo.

Engloba, num complexo que é mais do que a soma das partes, as memórias individuais, colectivas, históricas, quotidianas e de género, permitindo a referência ora a um tempo pessoal e individual, ora familiar, de grupo, de uma comunidade ou de um país, manifestando as diversas dimensões identitárias de quem memoriza, rememora e relembra.

A pesquisa

No contexto do presente trabalho, entendeu-se a pesquisa de terreno numa perspectiva abrangente. De modo a garantir as abordagens sincrónica e diacrónica, recorreu-se a diferentes procedimentos metodológicos. Fez-se observação, recorreu-se à pesquisa e análise documental, entrevistas semi-estruturadas e não estruturadas e narrativas de vida. Esta metodologia resulta de uma visão interpretativa da antropologia, cujo ênfase é colocado nas acções dos sujeitos em estudo, nas suas experiências de vida e no modo como elas se reflectem no objecto de estudo.

A pesquisa teórica iniciou-se a partir do interesse despertado por trabalhos anteriores, que permitiram ir constituindo tanto o acervo bibliográfico que potenciava a delineação do objecto de estudo, quanto o despertar do interesse pelas narrativas de vida de indivíduos que sempre tinha conhecido e para quem o tempo, o espaço e as memórias lúdicas eram bem diversas das minhas. Procurei fazer, numa primeira fase, o levantamento dos nomes dos potenciais informantes, cruzando diversas fontes orais e diversos percursos de vida. Foi ainda durante este período que encetei a caracterização do local, tentando compreender como o espaço, as relações viciniais e as de parentela se organizavam entre o início do e os meados século XX no Lavradio, tendo, igualmente, procedido ao despiste das fontes locais. O arquivo da Junta de Freguesia, a biblioteca Municipal, as bibliotecas das Sociedades Recreativas e acervos documentais particulares (sobretudo registos fotográficos), constituíram um vasto acervo de materiais que permitiram encetar a investigação, complementada com entrevistas exploratórias a um conjunto de informantes que se consideraram privilegiados. Estes dados eram complementados por outros, originários, nomeadamente, do Arquivo Fotográfico de Lisboa, da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, das bibliotecas de diversas instituições de Ensino Superior e das Bibliotecas Municipais de diferentes localidades do país.

Para além de consultas bibliográficas, recorreu-se a consultas de antigos documentos existentes na Torre do Tombo e na Biblioteca de Évora (Códices) bem como de outros mais recentes que consistiam no registo e descrição de determinados jogos e brincadeiras e que permitiram entender a sobrevivência de algumas regras, nomeadamente através da sua fixação pela escrita (por via formal) e posterior utilização no sentido de, através do livro, ensinar, por exemplo, como e quando se joga determinado jogo.

Foram consultadas fotografias dos informantes, do seu tempo de estudantes, na Escola Primária e ou Liceu e outras que se consideraram de interesse. Recorreu-se, ainda, ao espólio do Arquivo Fotográfico de Lisboa, no sentido de procurar objectos e práticas lúdicas que haviam sido referidas pelos informantes, mas das quais não havia, por parte deles quaisquer registos.

A segunda fase do trabalho centrou-se na recolha de narrações de vida e na tentativa de substituir por outros, alguns dos informantes privilegiados - devido a questões relacionadas com doenças, súbitas e prolongadas (algumas culminando no falecimento) dos mesmos. A opção pelas histórias de vida, pelo método biográfico, implicou ver de outro modo gente com quem me cruzava quase quotidianamente; passou por visitar as pessoas no seu domicílio (várias vezes) e manter essas visitas após a recolha da informação. Concomitantemente tentou-se ir fazendo todas as transcrições dos registos audio, o que se revelou tarefa morosa e nem sempre fácil e que se arrastou longamente. Valeu, em muitos casos, o diário de campo que, sempre actualizado, esclarecia dúvidas acerca de lugares cujo nome havia já mudado há muito, ou acerca de um apelido aparentemente desconhecido e que se escondia por detrás de uma alcunha sobejamente conhecida. Posteriormente, terminaram-se algumas recolhas de narrativas de vida e após a sua transcrição e tratamento (e de parte das que haviam sido recolhidas anteriormente), recorreu-se, de novo, à consulta de fontes escritas que se conjugaram com a organização e novo tratamento dos materiais recolhidos, culminando no trabalho a que este texto se reporta.

Para além das narrações de vida individuais, recorreu-se às narrações de vida em grupo através daquilo que Paula Godinho (2001) denomina como “exploração das subjectividades partilhadas, no seio da família”. Irmãos, tias e sobrinhas, amigos e amigas, marido e mulher, partilham a informação, corrigem-se mutuamente relativamente a alguns pormenores e, em conjunto, recordam situações bem presentes para uns, quase esquecidas, para outros. Esta modalidade apresenta a vantagem do cruzamento imediato da informação e conduz o investigador à consciência, mais rapidamente, da saturação da mesma.

Não obstante haver quem considere que o método biográfico não é fiável, ele apresenta vantagens ao nível da voz que pode ser dada a quem normalmente não se faz ouvir, porque pertence a um grupo social mais “apagado” que acaba diluído na história das massas ou das elites, ou porque é economicamente mais desfavorecido, ou porque é minoritário, ou ainda, porque simplesmente se considera que os indivíduos são tão banais, que nada de interesse têm para dizer – escreve-se o que se considera importante e escreve quem sabe escrever, mas falar pelo gesto ou de viva vós, todos sabem e quase todos podem (Thompson, 1988 e Thompson e Samuel, 1990).

A vida de cada indivíduo, embora única, insere-se numa vivência mais ampla, constituindo uma imagem partilhada da memória colectiva e do passado da sociedade à qual pertence, como nos ensinaram Halbwachs (1994), Namer (1987) e

Nora (1986). Por isso, é possível reconstituir, a partir da recolha de narrações de vida, essa memória não apenas dos indivíduos mas também dos grupos, alcançando vários passados de gente anónima que convergem na história oficial, no passado oficial, nas memórias colectivas oficiais, mas ainda assim, traduzem experiências inteligíveis ao nível local e grupal. Apropria-se das estruturas sociais, interiorizando-as e exteriorizando-as, isto é, reproduzindo-as. Conduzem ao esclarecimento de vários aspectos fundamentais da compreensão das sociedades e das culturas: da posição dos indivíduos dentro de um grupo e de grupos no interior da sociedade; à noção de mudança e dinâmica social; de cultura e subcultura; de identidade e alteridade; de homogeneidade e de heterogeneidade; de tradição, invenção e invenção da tradição, entre outros aspectos. Permite pela confluência ou distanciamento dos discursos, estabelecer fronteiras entre os indivíduos e os grupos ou esbatê-las e entender como a memória morre, se transmite, pereniza e perde.

Todo e qualquer documento produzido a partir de narrativas e de histórias de vida, deve ser verificado, mediante comparação e confirmação com fontes secundárias, de modo a torná-lo fiável. As histórias de vida, pela riqueza que lhes confere a relação entre informante e investigador, estão, frequentemente, para além das fontes secundárias, complementando-as através de memórias vividas, conferindo-lhes, não raramente, uma dimensão lógica e dinâmica que se nos escapa noutro tipo de documentos.

Aspectos relacionados com o lúdico, a educação e a infância

Escolhi as áreas do lúdico a abordar, considerando os jogos de tradição e outros praticados por um conjunto de indivíduos dos quais recolhi narrativas de vida. Fi-lo não obstante ter consciência de que também um dia outras actividades lúdicas - os jogos virtuais, por exemplo - serão tradicionais e que, o problema de transmissão de cultura é, na sua essência, o problema da educação. Entendo tradição nas linhas defendidas por Giddens (1987) e Jorge Dias (1966), para quem este conceito se relaciona com o património cultural de tempos passados, mantidos por todas as sociedades como “resíduo atávico” e que, num dado momento do presente pode ser carácter pertinente - no sentido de funcional e útil - em função de determinados objectivos da sociedade. Mas pode, pelo contrário, funcionar como inibidor, impedindo uma melhor adaptação dos indivíduos ou da comunidade a circunstâncias específicas. Neste sentido, a tradição é, só por si, uma forma especial de cultura, criando “ (...) *um sentido da firmeza das coisas que mistura, tipicamente elementos cognitivos e morais*” (Giddens, 1987:45).

As crianças do Lavradio do passado praticavam actividades lúdicas ditas populares - porque popularizadas pela prática comum - e tradicionais. Aos rapazes cabiam as actividades de construção dos seus próprios brinquedos e elementos de jogo, introduzindo-os no mundo da destreza com as ferramentas que os homens usam. As raparigas, por seu turno, treinavam o gesto à volta das representações de cuidados epimléticos, da confecção das refeições e das roupas. Num e noutro caso, para além do divertimento imediato adivinha-se o treino de tarefas que desempenharão mais tarde,

enquanto homens e mulheres.

Os jogos são uma escola informal e não formal para os mais jovens que, através da brincadeira e do jogo, aprendem artes e ofícios que podem ser ou não de tradição familiar e que implicam, não raras vezes, rituais de iniciação e rituais de passagem que funcionam, ou como advertências para a vida profissional futura ou pelo contrário, para identificar o grau de discernimento do iniciado, isto é, do indivíduo que vai aprender o ofício – o aprendiz.

Muitas vezes a proximidade e coexistência que havia entre trabalho e jogo, nas comunidades rurais, acaba por, com o fim das mesmas e as subseqüentes modificações que acontecem ao nível das relações de produção e a introdução da indústria e dos serviços, desaparecer. Origina-se uma situação dicotómica entre trabalho e lúdico, já que embora durante o período de trabalho, as situações de lúdico possam ocorrer, não ocorrem situações de jogo, que diga-se, se tornam mais raras à medida que se sai da segunda infância para a adolescência e, tendem mesmo a desaparecer, entre esta altura e a velhice.

Uma constante no que concerne aos informantes com os quais trabalhei, é que não jogavam muito, sobretudo a partir da segunda infância e, quando se inseriam no mundo do trabalho, brincavam muito mais do que jogavam. Aí, brinca-se com palavras, fazendo chacota, “mandando bocas”, dizendo, por vezes, obscenidades, mas jamais há, durante o tempo de trabalho fabril, lugar para o jogo. O corpo, elemento fundamental para que o jogo aconteça, concentra-se no trabalho que exige atenção e não dispensa um ritmo e uma cadência próprios – trabalhar com máquinas é perigoso e os homens e as mulheres deste tempo, na indústria corticeira, por exemplo, ganham à peça ou por empreitada, por isso, quem mais trabalha, mais ganha. Assim, o lúdico-jogo, acontece para os homens, no espaço da taberna ou da rua – e são, sobretudo, jogos de cartas, de dominó ou o jogo do chinquinho.

É ponto assente que os jogos de tradição têm variações que podem ter diferentes denominações, dependendo do modo como se praticam, do tipo de espaços onde são jogados, dos materiais, do tipo de lances que se faz ou a distância entre marcas usadas para a prática de determinado jogo, etc. No fundo, o que estes jogos reflectem são as particularidades da cultura onde se desenvolvem e são praticados, e a organização das próprias comunidades. Porque são “fenómenos sociais totais”, através deles é possível perceber as relações sociais, as superstições, as opções ao nível das vivências, as relações hierárquicas entre os indivíduos e o modo como alguns dos líderes da comunidade se formam a partir da actividade lúdica – ascensão e queda de determinados indivíduos no interior de uma determinada comunidade, pois basta um homem com responsabilidades familiares ser apontado como jogador (no sentido de jogar a dinheiro) para que a sua honra seja afectada e, se for “homem casadoiro”, não há “rapariga de juízo” que o queira.

Observava-se uma separação entre as brincadeiras e jogos de acordo com o género dos

praticantes, não obstante algumas destas actividades serem indiferenciadamente praticadas por ambos os géneros.

Quadro II - Constituição dos Grupos de Brincadeira

Informante	Irmãos		Primos		Vizinhos		Outros	
	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas
J A ♂	NT	NT	x	NT	x	x	x	x
ACM ♂	x	-	NT	NT	x	-	x	-
A ES ♂	x	x	x	x	x	x	x	x
JB ♂	NT	NT	x	-	x	-	x	x
E C ♂	NT	NT	NT	NT	x	-	x	-
C B ♂	NT	NT	x	-	x	-	x	-
J P A ♂	x	x	-	-	x	-	x	-
F A ♀	NT	NT	NT	x	x	x	x	x
RN ♀	x	x	x	x	x	x	x	x
VR ♀	x	x	-	x	-	x	-	x
IS ♀	x	x	x	x	-	x	-	x
B A ♀	NT	NT	NT	x	x	x	x	x
A C ♀	-	x	-	x	-	x	-	x
MS ♀	x	x	x	x	x	x	-	x
JO ♀	-	x	-	x	-	x	-	x
CS ♀	NT	NT	x	x	x	x	x	x
F P A ♀	x	x	-	x	-	x	-	x
AR ♀	x	x	x	x	x	x	-	-
ÂM ♀	x	NT	NT	NT	-	x	-	x

Legenda: X – brinca; NT – não tem; - - não brinca

Os grupos de brincadeira não eram alheios a esta situação, uma vez que tendencialmente as raparigas brincavam entre si (*Quadro II*), o mesmo acontecendo com os rapazes. Tal facto deve-se, em grande parte, à separação de género fomentada pela escola pública que, desde o início da segunda República, deixa de ser mista, potenciando, assim a separação entre crianças de idade aproximada mas de género diferente.

Não pode, contudo considerar-se que, de todo, rapazes e raparigas do mesmo grupo de idade não brincassem em conjunto. Há a considerar, a este propósito, as relações de parentesco, já que frequentemente os irmãos e primos de ambos os géneros brincavam entre si, quando as idades eram muito próximas, o mesmo acontecendo relativamente ao parentesco fictício – irmãos de leite, por exemplo – e às crianças cujas famílias, restritas ou alargadas, mantinham fortes laços vicinais. Não é, ainda, de escamotear a importância que a escola particular existente no Lavradio dos anos trinta e quarenta do século passado, teve nesta interacção entre géneros, pois foi o elemento agregador da maior parte dos grupos intra género que ao tempo se constituíram, uma vez que, muito embora não fosse essa a prática nas escolas oficiais, tinha um regime de frequência misto.

Os espaços de brincadeira variavam em função da tipologia da mesma. Às brincadeiras

e jogos de carácter iniciático ou que pressupunham a sujeição a ritos de passagem e que, geralmente implicavam, no caso dos rapazes, que se enfrentasse o medo ou a dor reais, correspondiam os espaços secretos e em alguns casos do domínio do sagrado, como eram a antiga igreja abandonada, a capela mortuária onde os caixões se guardavam, e até mesmo o cemitério. Correspondiam, ainda, as quintas da localidade, guardadas por homens armados que, pela calada da noite, os miúdos desafiavam nas chinchadas ou a praia, em cuja água se metiam para retirar, pelo rabisco, os peixes que complementavam as refeições da casa. Então, o espaço importa, é um facto, mas ele não pode ser visto independentemente do tempo. É o lugar, mas o lugar à noite, nas horas mortas povoadas pelos seres sinistros que colocam à prova os rapazitos, decidindo, num breve momento, o estatuto que alcançarão no interior do grupo de brincadeira e condicionando, muitas vezes, a alcunha que consigo irão carregar para o resto da vida. As outras brincadeiras, mais do domínio do permitido e menos do domínio do interdito e da transgressão, praticam-se no espaço de transição, “atravessado” pela comunidade – da porta da sua casa, à porta da casa dos parentes e vizinhos; do largo do coreto – o lugar de brincadeira por excelência – às salinas, à praia da Barra-a-Barra às muitas quintas que salpicavam o lugar.

As raparigas, partilhavam com os rapazes os espaços de transição, no caso do largo do coreto, subdividido em esquerda e direita, sob o olhar atento dos mais velhos e sem se misturarem muito. Usavam os tanques públicos e, imitando as mães e as outras mulheres, mexiam na água e brincavam com bonecas, lavando-as e, na maior parte dos casos, estragando-as por isso. Recorriam, com frequência aos quintais e aos pátios, que abundavam. Reproduziam, sem o saber, as práticas espaciais das sociedades mediterrânicas, perenizando o espaço exterior como o espaço masculino por excelência e o interior, como o espaço privilegiadamente feminino – reproduziam, afinal, a ideologia e o valor da honra e da vergonha.

As aprendizagens informais faziam-se em gerações sucessivas, é um facto, mas faziam-se, sobretudo, em gerações alternadas. Isto é, ao nível das aprendizagens informais que diziam respeito ao lúdico, é possível confrontarmo-nos com vários exemplos de interacção entre pais e filhos, mas são sem dúvida os avós, os velhos tios e os velhos em geral – quantas vezes assumindo o papel de avós de todos - que estão mais disponíveis para ensinar os pequenos. São eles quem já se libertou dos horários rígidos, quem agora possui uma efectiva capacidade de gestão pessoal do tempo, os que ocupam por direito próprio – o direito do descanso conquistado - o centro do território da localidade. Por isso, estão melhor colocados para transmitir saberes, gestos, ritmos e o suporte oral que acompanha muitas das práticas lúdicas infantis. Como guardiães da memória e da moral da sociedade, os idosos estabeleciam, pela sua presença e através dos seus ensinamentos, as regras e os limites possíveis para a transgressão.

Era, no entanto, com os pares, que as crianças mais aprendiam acerca das questões relativamente às quais os aspectos lúdicos são a base – saber perder e saber ganhar, confiança e dignidade. Daí a importância de, no interior de um grupo de brincadeira, haver uma ligeira diferença etária, pois só assim a transmissão do conhecimento se faz

não apenas entre grupos mas no interior do próprio grupo – aos mais velhos do grupo de brincadeira cabe a assunção do papel do idoso: dinamizar o processo de substituição dos que vão desaparecendo, não pela morte efectiva, mas pela passagem forçada da idade, a uma outra dimensão do real – a de se terem tornado homens e mulheres e, conseqüentemente ocuparem um novo papel na sociedade.

Muitas destas actividades lúdicas infantis remetem o investigador para tempos remotos, continuando a ser apropriados e reapropriados pelos futuros homens e mulheres desta terra. Grande parte desapareceu e existe unicamente nas suas memórias e nas descrições mais ou menos estáticas e formais que nos chegam pelo documento escrito e pelo suporte audiovisual. Desaparecem porque, entre outras razões, desaparece a memória de quem os sabia praticar – um desaparecimento físico que tem a ver com a morte, ou um afastamento entre indivíduos da mesma família mas com idades diferentes, porque a uns se impõe o trabalho, a outros os lares de terceira idade e os centros de dia e a outros, ainda, as creches, infantários, escolas, ateliers de tempos livres, e tantas outras actividades que os adultos inventam e arranjam para manter as crianças ocupadas, até que eles cheguem a casa para desempenhar, no fim do dia de trabalho, um sem número de tarefas.

Desaparecem no Lavradio, entre o início do século XX e a actualidade, várias práticas lúdicas, mas muitas outras se mantêm, como pode observar-se em seguida (*Quadro III*).

Quadro III – Aspectos do lúdico que desapareceram e que se mantêm no Lavradio (entre o início do séc. XX e 2005)

Desaparecem	Mantêm-se
Jogos e brincadeiras	Jogos e brincadeiras
Americanos; Andas; Anel; Apanhar gatos; Arco e gancheta; Armar aos pássaros; Barraquinhas; Bela Uva; Bilharda; Botão; Brincar aos figurinos; Brincar na praia; Brincar nas marinhas; Burricadas; Cantar ao desafio; Caracol; Cartas (sete e meio e cartas de seis); Casinhas; Casinhas de pedra; Cavalos; Chinchadas; Chinquilha /Malha; Cinco pedrinhas; Combates com molas da roupa; Construir balanças com latas; Construir carrinhos; Construir colares e brincos com flores e frutos; Construir papagaios de papel /estrelas; Construir	Andar de bicicleta; Bailes; Brincar ao lencinho / lencinho da botica; Brincar ao lenço (barra ao lenço); Brincar aos jantarinhos; Brincar às lojas; Brincar com Bonecas; Brincar com casinhas; Corridas; Jardim da Celeste; Jogar à Bola; Jogar à Cabra-cega; Jogar ao berlinde/ bugalho; Jogar ao Pião; Jogo da apanhada; Jogo das escondidas; Jogo do prego /espeta/mundo; Jogos de Rodas; Mãe / Lá vai ai/ Lá vai alho; Saltar à corda; Saltar ao eixo; Semana/

<p>telefones com latas e cordel; Correr atrás dos barcos; Desafios de assobio; Eco; Fantasmas; Fazer barcos de cortiça; Fazer bonecas de trapo e corda; Fazer cigarros com barbas de milho; Fazer moinhos de cana; Fazer vestidos para as bonecas; Fazer visitas; Finta (fito); Fisga; Fitas; Gaivotas em madeira; Ganso; Imitações; Ir à praia; Lagarto Pintado; Lançar papagaios de papel /estrelas; Lencinho da botica; Linha; Lojas/mercearias; Mona; Montinho; Pau; Pela; Pombinha; Potes; Prego; Prendas; Rabisco; Rapa; Regatas no rio; Rifa; Teatros; Tocar às campainhas; Tocar castanholas; Tocar reco-reco; Tomar banho na praia; Trapo queimado; Vassourinha</p>	<p>Aeroplano/Avião/Céu; Sr. Barqueiro/ Barqueiro/Falua</p>
<p>Comemorações</p>	<p>Comemorações</p>
<p>Comemorações da Semana Santa (Comemorações da Quinta-feira de Espiga ou Quinta-feira de Ostra; Visitação a nove igrejas) Comemorações do Ciclo dos Doze Dias (Comemorações de 6 de Janeiro / Reis) Comemorações do aniversário da “Peça”(Saída da Banda a 6 de Janeiro, tocando a “Peça” vencedora do concurso) Comemorações dos Santos Populares (Bailes da Pinha; Fogueiras; Mastro; Queima do Judas) Comemorações de Carnaval (Bailes; Brincadeiras de Carnaval; Cegadas; Enterro do Bacalhau; Máscaras / Mascarados; Púcara) Comemoração da festa da localidade (Fazer arraial; Fazer flores de papel ;Banda de Música; Bola à garrafa; Cavalhadas ; Lata ; Vender a flor / colocar a flor)</p>	<p>Comemorações da Semana Santa (Procissão) Comemorações do Ciclo dos Doze Dias (Natal e Ano Novo) Comemoração da festa da localidade (Procissão; quermesse; arraial)</p>
<p>Quotidiano/distracção</p>	<p>Quotidiano</p>
<p>Ver passar o comboio; Ir à fruta, às</p>	

Caldas da Rainha; Pesar-se na balança da estação	
Oralidade	Oralidade
Histórias sobre a localidade	Histórias; cantigas; anedotas; adivinhas

Estas formas lúdicas assumem, por vezes, diferentes nomes consoante os contextos locais e regionais em presença, ou porque se trata de variantes da mesma actividade lúdica.

Outras formas lúdicas mantêm-se³⁴ ainda, já que, não obstante as mudanças que se inscrevem tanto no tempo como no espaço, continuam a fazer sentido – senão pelo gesto necessário, então pela emoção que provocam; por haver, ainda, à disposição das crianças de hoje, os objectos já fabricados que permitem a sua prática. Seja como for as actividades lúdicas integram-se sempre nos contextos da sua época, variando em função deles, traduzindo-os, reflectindo-os e reflectindo-se neles. Em alguns casos mudam em termos formais tomando denominações diferentes, mas a estrutura está lá, inalterada, reflexo de um conjunto de conceitos que continuam a balizar os modos de sentir, os comportamentos e as condutas da sociedade – no fundo, reflexo daquilo que pode considerar-se a mentalidade e que, portanto, remete investigadores e praticantes, para o tempo da longa duração. Deste modo, a sociedade confronta-se com o paradoxo da mudança na continuidade e da continuidade na mudança.

Reflexões Finais

Como refere Iturra (1997), a sociedade compõem-se de diversos grupos interrelacionados entre si e que aprendem uns com os outros. Aos mais velhos cabe ensinar – hábitos, memórias, factos - e aos mais novos, aprender e inovar a partir da reprodução social que os mais velhos organizam. Neste sentido, refere o autor, o processo de reprodução em qualquer grupo, trata de dinamizar o processo de substituição dos que morrem - dos que perdem a memória e a capacidade reprodutiva - pelos que nascem e precisam de entender palavras, gestos, a importância dos lugares, a importância dos factos, a utilidade das coisas e o movimento do corpo (1989:18). Este fenómeno é transversal a todos os domínios da sociedade e, portanto não é estranho às questões lúdicas.

Não adianta, quando se faz ciência, ficar-se pelos depoimentos dos narradores, tanto

³⁴ Esta afirmação tem como base duas investigações que realizei com crianças do Lavradio. A primeira reporta-se ao estudo de um grupo de crianças que frequentava a então EB1 n° 2 do Lavradio, que foi levado a cabo em 1987, resultando na monografia de licenciatura. A segunda teve como base todos os alunos da mesma escola bem como crianças participantes de grupos de brincadeira informais, de rua. Teve o seu terminus em 1994 e resultou na tese de mestrado, apresentada em 1995.

mais que com alguma frequência, eles próprios se apoiam em operadores “simbólico-ideológicos” e que se transformam, no fundo, como obstáculo epistemológico a uma “explicação do social pelo social” como por exemplo, «hoje já ninguém joga isso», «aqui ninguém sabe fazer isso», etc. – portanto, é necessário que se construa, a partir de coordenadas intelectuais, um conjunto estruturado de interrogações à realidade e de hipóteses explicativas dessa mesma realidade, sobre o lugar, as funções e as transformações do tema em estudo. Apenas esse corpo acumulado de interpretações provisoriamente validadas (teoria), vai constituir um ponto de partida adequado à pesquisa. Terá que se estabelecer, à partida, uma grelha de leitura da realidade, para se poder interrogar essa mesma realidade (Almeida e Pinto, 2001).

No presente caso, tentou compreender-se um conjunto de questões relativamente ao quotidiano das populações do Lavradio do passado, tendo em conta o fenómeno lúdico - que, enquanto fenómeno social total, permite compreender a realidade de uma comunidade – com vista ao entendimento das questões relativas à memória social, a aprendizagens informais e ao modo como a sua transmissão se processa.

Considero ser possível afirmar, retomando as hipóteses de trabalho referidas neste texto, que toda e qualquer actividade lúdica pressupõe a existência de uma transformação progressiva dos quadros informais para os quadros formais da sociedade e da memória. O conhecimento acumulado transmite-se e perde-se, modifica-se e é reapropriado por indivíduos e grupos diferentes, em função das clivagens e mutações que no interior da própria sociedade e dos grupos, vão a cada momento, acontecendo. Isto é, tanto o conhecimento como os factos e os fenómenos, sofrem recomposições e adaptações em função da estrutura mas também dos contextos sociais e culturais. Deste modo, a memória enquanto guardiã do conhecimento é assumida como uma processo dinâmico e selectivo. Assim, sendo simultaneamente uma transmissão e uma apreensão, torna-se construtora de identidades e de tradições.

Bibliografia

- ALLEAU, René (1973), *Dictionnaire des Jeux*, Paris, Ed. Claude Tchou
AUGÉ M. (1994), *Não-Lugares - Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Bertrand, Venda Nova.
AUGÉ, Marc (2001), *As Formas do Esquecimento*, Almada, Íman Editora.
BERNES, Eric (1992), *Des Jeux et des Hommes*, Paris, Éditions Stock
BERGE, P., Pomeau, Y. e Dubois-Gance, M. (1994), *Des Ritmes au Chaos*, Odile Jacob/Paris.
BERGSON, H. (1993/1939), *Matière et Mémoire*, PUF/ Paris.
BERTAUX, D. (1981), From the life-history approach to the transformation of sociological practice, em D. Bertaux (org.), In *Biography and Society: The Life History Approach in the Social Sciences*, Sage 23
BOISSEVAIN, J. (1974), *Friends of Friends: Networks, Manipulators and Coalitions*, Oxford, Blackwett.
BOSI, Ecléa (1973),(1994), *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*, São Paulo Ed. Companhia das Letras
BRAGA, Teófilo (1880-1881), Os Jogos Populares e Infantis, *Era Nova: revista do Movimento*

Contemporâneo, Lisboa

BURGESS, Robert G. (1997), *A Pesquisa de Terreno – Uma Introdução*, Oeiras, Col. Métodos Técnicas, Celta Editora

CALLOIS, Roger (1958), *Les Jeux et les Hommes*, Paris, Coll. Idées, Ed. Gallimard

CAILLOIS, R. (1964), (1976), *Instintos e Sociedade*, Lisboa, Estúdios Cor

CALLOIS, Roger (1988), *O Mito e o Sagrado*, Lisboa, Edições 70

CASTELLS, Manuel (1975), *Problemas da Investigação em Sociologia Urbana*, Lisboa, Presença

CAZENEUVE, Jean (s.d.), *Sociologia do Rito*, Porto, Ed. Rés

Château, Jean (1966), *De Jeux de l'Enfant*, Paris, Vrin

CONNERTON, Paul (1993), *Como as Sociedades Recordam*, Oeiras, Col. O Passado no Presente, Celta Editora

CRESPO, Jorge (1979), *Antropologia do Jogo. Antologia de textos*, Lisboa, Ed. CDI-ISEF/UTL

DIAS, A. Jorge (1966), *Antropologia Cultural*, s.r. Lisboa

DUVIGNAUD, J. (1973), (1991) *Fêtes et Civilizations*, Paris, Actes Sud.

EDWARDS, D. (1994), La construction sociale de la mémoire, *La Recherche*, n.º 267, Julho / Agosto, 1994, vol. 25, 742-745.

ELDER, G. (1981), History and the life course, In D. Bertaux (org.), *Biography and Society: The Life History Approach On The Social Sciences*, Sage, 23, pp. 77-115.

FENTRESS, J., WICKHAM, C. (1992), (1994), *Memória Social*, Lisboa, Teorema

FERRAROTI, F. (1981), "On the autonomy of the biographical method", em D. BERTAUX (org.), *Biography and Society: The Life History Approach On the Social Sciences*, Sage, 23: 19-27.

GIDDENS, Anthony (1987), *A Constituição da Sociedade*, Martins Fontes, S. Paulo

GIL, José (1988), *Corpo, Espaço e Poder*, Col. Estudos, Lisboa, Litoral Editores, n.º 2

GODINHO, Paula (2001), *Memórias da Resistência Rural no Sul – Couço (1958-1962)*, Celta, Oeiras

GODINHO, Vitorino Magalhães (1982 a), *Identité culturelle et humanisme universalisant*, Lisboa, Instituto Português do Ensino à Distância

GODINHO, V. M. (1974), Noções Operatórias na Abordagem Global das Sociedades, in *Memoriam António Jorge Dias*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura/Junta de Investigações Científicas do Ultramar

HALBWACHS, M. (1925), (1994), *Les Cadres Sociaux de la Mémoire* (Paris, Albin Michel, com posfácio de Gérard Namer)

HALBWACHS, M. (1950), (1968) *La Mémoire Collective*, Paris, PUF (prefácio de Jean Duvignaud).

HUIZINGA, Johann (1971), *Homo ludens: jogo como elemento de cultura*, S. Paulo, Ed. Universidade de S. Paulo

LANDAU, J. (1996), *Anthropologie de la Mémoire*, Paris, PUF

LAVADO, Ana (2004), *No Trilho dos Pequenos Deuses – Aprendizagens da Memória* [Texto Policopiado] Dissertação de Doutoramento, Lisboa, UNL

LOWENTHAL, D. (1985), *The Past is a Foreign Country*, Cambridge, Cambridge University Pres

NAMER, G. (1987), *Mémoire et Société*, pref. de Jean Duvignaud, Paris, Meridiens Klincksiek.

NORA, P. (1986), Entre Mémoire et Histoire In Pierre Nora (org.), *Les Lieux de Mémoire*, Paris, Gallimard.

PIEDEDE, Ana (1995), *De Ludus a Cronos ou a Circularidade da Ruptura* [Texto Policopiado] Tese de Mestrado, Lisboa, UNL

POIRER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone e RAYBAUT, Paul (1995) *Histórias de Vida – teoria e prática*, Col. Métodos e Técnicas, Oeiras, Celta Editora

SAMUEL, R.; THOMPSON, P. (org.), (1990), *The Myths We Live By*, Londres, Routledge.